



"Por que ler os clássicos?": Uma (re) leitura antropológica contemporânea

Orgs: Aline Crespe Lutti (PPGAnt/UFGD)¹
Esmael Alves de Oliveira (PPGAnt/UFGD)²
Sidney Antonio da Silva (PPGAS/UFAM)³

A presente proposta emerge das inspirações e afetações oportunizadas pela leitura do ensaio de Ítalo Calvino "Por que ler os clássicos" no curso "Teoria Antropológica I" ministrado por Aline Crespe e Esmael Oliveira no Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal da Grande Dourados (PPGAnt/UFGD), bem como dos diálogos e trocas afetivas e intelectuais dos/as organizadores/as com antropólogos e antropólogas dos mais diversos Programas de Pós-Graduação em Antropologia Brasil afora.

Nesse movimento de trocas e compartilhares, a leitura de Ítalo Calvino (1993) foi de grande inspiração nas discussões realizadas e nos estimulou a propor um dossiê que pudesse evidenciar a importância e atualidade dos/as autores/as clássicos/as da Antropologia para as produções e reflexões teórico-metodológicas contemporâneas no interior da disciplina.

Nesse exercício foi importante reconhecer e assumir que a cada curso de Teoria Antropológica sempre se renova o desafio de mostrar aos novos/as pós-graduandos/as a importância de autores e autoras clássicos/as da Antropologia e sua atualidade. Foi nesse espírito de revisão crítica, desafiando os vários "isolamentos" em voga naquele momento de gravidade e incerteza pandêmica (incluindo os isolamentos epistêmicos e disciplinares), que convidamos, ao longo do curso, colegas de diferentes Universidades e pertencentes aos mais variados campos do fazer antropológico para que pudessem compartilhar seus afetos e afetações por determinadas obras e autores/as. Nas aulas, a partir de suas pesquisas, os/as pesquisadores/as atualizaram suas leituras e usos de

¹ Doutora em História (PPGH/UFGD), docente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGAnt) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). E-mail: alinecrespe@ufgd.edu.br

² Doutor em Antropologia Social (PPGAS/UFSC), docente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGAnt) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). E-mail: esmaeloliveira@ufgd.edu.br

³ Doutor em Antropologia Social (PPGAS/USP), docente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGAS) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: sidsilva@ufam.edu.br



autores/as clássicos nas pesquisas contemporâneas, enriquecendo o olhar dos/das pós-graduandos/as e oportunizando novas atualizações nas pesquisas que estão a realizar.

De modo geral fomos guiados/as por duas questões. Primeira, em que medida a leitura dos clássicos foi e é importante para o desenvolvimento da própria pesquisa seja em termos teóricos seja em termos metodológicos? Segunda, quais as articulações possíveis no tempo presente e que nos permitem pensar (e reiterar), como diria Calvino (1993), que um clássico "assemelha-se aos antigos talismãs"? Em cena a compreensão compartilhada de que esse talismã se justifica tanto pelo valor que representa quanto pela riqueza de experiências que nos oportuniza a cada (re)leitura. Não por acaso nos dirá Mariza Peirano (1995) que "as monografias são o que a disciplina guarda de mais precioso". Nelas reverberam uma das máximas deixadas por Calvino em seu ensaio, a saber, "um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer", deixando rumores que persistem ainda que vivamos transformações significativas na prática antropológica.

Nesse movimento de (re)leitura é que convidamos os/as antropólogos/as Augusto Marcos Fagundes Oliveira (CEPHCIS/UNAM), Daniella Chagas Mesquita (PPGAA/UFPR), Guilherme Rodrigues Passamani (PPGAS/UFMS), Leif Grünwald (PUC/RJ) e Moisés Lopes (PPGAS/UFMT), para compartilharem suas leituras pessoais dos clássicos à partir de seus respectivos campos e interesses de pesquisa.

Augusto Marcos Fagundes Oliveira, inspirando-se em Victor Turner e nas categorias "drama social", "sombra", "aflição", "multivocalidades", "comunidades", "cismas" e "continuidades", reflete sobre os dilemas e complexidades inaugurados pela pandemia da covid-19 entre a população maia da região de Yucatán (México).

Daniella Chagas Mesquita ao refletir sobre as dificuldades e crises que cercam o fazer científico e a escrita etnográfica, por meio de um cruzamento reflexivo entre autores clássicos (tais como Bateson, Malinowski e Evans-Pritchard) e contemporâneos (tais como Ntarangwi, Latour e Woolgar), à luz de sua participação em um *Webnário* promovido por transativistas, nos convida a (re)pensarmos nossas estratégias de escrita e de representação.

Guilherme Rodrigues Passamani, a partir de seu trabalho de campo com homens brasileiros que fazem trabalho sexual em Lisboa/Portugal, nos apresenta uma instigante



releitura da Escola de Chicago e suas possibilidades analítico-reflexivas quando o assunto é a problematização do desejo, da cidade e da vida urbana.

Leif Grünewald por sua vez, em diálogo com o pensamento levi-straussiano, tece uma afetuosa homenagem ao antropólogo escocês Peter Gow. Tomando como pano de fundo seu próprio trabalho etnográfico junto aos Ayoreo, Leif nos instiga a uma potente reflexão sobre variabilidade e selvageria na antropologia produzida a partir das terras baixas da América do Sul.

Por fim, Moisés Lopes, inspirando-se na Escola de Manchester, traz uma instigante análise da “Parada da Diversidade Sexual” de Cuiabá (MT), ocorrida em 2013. A partir da categoria “situação social”, o autor busca compreender relações entre os grupos, os valores compartilhados e os motivos contraditórios (e disputados) acionados pelos participantes do evento.

Esperamos que os/as leitores/as possam se deixar afetar e, à semelhança do ilustre Calvino (1993), reservar um tempo para se dedicar a “revisitar as leituras mais importantes da juventude” e, quem sabe, elaborar sua ode pessoal aos seus/suas clássicos/as de cabeceira.

Referências

CALVINO, Ítalo. “Por que ler os clássicos?”. In: Por que ler os clássicos? São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 9-14.

PEIRANO, Mariza. “Os Antropólogos e suas Linhagens”. In: A Favor da Etnografia. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995. p. 13-30.